

## LEITURA MIKRIPOLITANA DA REGIÃO INTERMEDIÁRIA DE MARINGÁ

### MIKRIPOLITAN READING OF THE INTERMEDIATE REGION OF MARINGÁ

Angela Maria Endlich<sup>1</sup>  
Juliana Teixeira<sup>2</sup>  
Larissa Mattos Alves<sup>3</sup>

**Resumo:** A redação deste artigo implicou em retomarmos questionamentos que se estabeleceram nas últimas décadas com o avanço das pesquisas voltadas para as pequenas cidades: como têm sido esses estudos? O que eles problematizam? Que tipo de análises são realizadas? Para esta última pergunta, procuramos delinear considerações sobre as abordagens que construímos durante o processo de analisar a Região Intermediária de Maringá, no Paraná, enfatizando a perspectiva de olhar para a presença de pequenas cidades, buscando compreender suas dinâmicas e papéis. Trazemos, portanto, a leitura regional, por meio da sistematização de dados levantados em uma primeira etapa da pesquisa desenvolvida no âmbito da Rede Mikripoli: “Cidades pequenas, dinâmicas socioespaciais e desenvolvimento regional no Brasil”, incluindo população total do Censo Demográfico 2022 e as publicações mais recentes do Produto Interno Bruto *per capita*, Índice de Gini e Índice de Vulnerabilidade Social. As reflexões acerca dos caminhos percorridos para os estudos das pequenas cidades voltam-se tanto as práticas próprias das pesquisadoras, bem como da experiência de trabalhar em rede. A sistematização e análise dos dados mostram persistência de declínio demográfico em diversos municípios e os dados do PIB indicam que mais do que resultados econômicos é preciso que as atividades econômicas sejam socialmente inclusivas, gerando oportunidades de renda e emprego para a população.

**Palavras-chave:** Região Intermediária de Maringá; indicadores sociais; perspectivas de análises; pequenas cidades.

**Abstract:** Writing this article meant we had to revisit questions that have arisen in recent decades with the advance of research into small towns: what have these studies been like? What do they problematize? What kind of analyses are carried out? For this last question, we tried to outline considerations about the approaches we built during the process of analyzing the Intermediate Region of Maringá, emphasizing the perspective of looking at the presence of small towns, seeking to understand their dynamics and roles. Therefore, we present a regional reading, through the systematization of data collected in the first stage of the research carried out within the Mikripoli Network: “Small towns, socio-spatial dynamics and regional development in Brazil”, including the total population from the 2022 Demographic Census and the most recent publications on Gross Domestic Product per capita, the Gini Index and the

---

<sup>1</sup> Doutora em Geografia (Unesp). Docente da Universidade Estadual de Maringá - UEM. Membro da Rede nacional de pesquisadores de pequenas cidades - Mikripoli. E-mail: juliana.teixeira@unespar.edu.br.

<sup>2</sup> Doutora em Geografia (UEM). Docente da Universidade Estadual do Paraná - Unespar. Membro da Rede nacional de pesquisadores de pequenas cidades - Mikripoli. E-mail: amendlich@uem.br

<sup>3</sup> Doutora em Geografia (UEM). Docente da Universidade Estadual do Paraná - Unespar. Membro da Rede nacional de pesquisadores de pequenas cidades - Mikripoli. E-mail: larissa.mattos@unespar.edu.br.

Social Vulnerability Index. Reflections on the paths taken to study small towns are based on the researcher's own practices, as well as the experience of working in a network. The systematization and analysis of the data shows a persistent demographic decline in several municipalities, and the GDP data indicates that more than economic results, economic activities need to be socially inclusive, generating income and employment opportunities for the population.

**Keywords:** Intermediate region of Maringá; social indicators; perspectives of analysis; small town.

**Data de submissão:** 10.10.2024

**Data de aprovação:** 29.11.2024

**Identificação e disponibilidade:**

(<https://revista.univap.br/index.php/revistaunivap/article/view/4646>,  
<http://dx.doi.org/10.18066/revistaunivap.v30i69.4646>).

## 1 INTRODUÇÃO

O presente texto representa uma retomada a partir de estudos anteriores, decorrentes do projeto: “Cidades pequenas, dinâmicas socioespaciais e desenvolvimento regional no Brasil”. O projeto é desenvolvido pela Rede de pesquisa Mikripoli, com apoio da Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 - Faixa A - Grupos Emergentes, teve início em dezembro de 2021 e envolve quatorze pesquisadores de oito regiões intermediárias no Paraná, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Pará, Amazonas e Bahia, no qual participamos com a análise voltada à Região Intermediária de Maringá, localizada no Paraná. A localização pode ser conferida em mapas a serem apresentados adiante.

Fizemos esse movimento para delinear considerações sobre as abordagens que construímos durante o processo de analisar a Região Intermediária de Maringá, enfatizando a perspectiva de olhar para a presença de pequenas cidades, buscando compreender suas dinâmicas e papéis. Nesse sentido, nossas análises possuem o propósito de contribuir com as reflexões sobre pensar as abordagens e caminhos para o estudo da temática.

Desde que iniciamos o projeto temos trabalhado no levantamento de dados quantitativos diversos: demográficos, estrutura fundiária, índices (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - IDHM, Índice de Vulnerabilidade Social - IVS, Índice de Gini, Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal - IFDM e outros). Os dados têm sido sistematizados e mapeados como conclusão da primeira etapa da pesquisa. A segunda etapa, em desenvolvimento, tem contemplado seleção de alguns municípios para estudo mais aprofundado, incluindo levantamentos específicos e trabalhos de campo.

Como uma leitura mikripolitana da região, conforme proposto no título, remetemos a uma análise com objetivo de enfatizar a presença de pequenas cidades/localidades e não ressaltar o polo regional, reconhecendo como elas são fundamentais na estruturação histórica e dinâmicas contemporâneas.

Entre os resultados iniciais desse processo de pesquisa, em 2023, preparamos duas publicações. A primeira foi um capítulo de livro (Endlich et al., 2023a), no qual ficou registrado contribuição decorrente de um primeiro encontro de pesquisadores da

Rede Mikripoli no VI Simpósio Nacional das Pequenas Cidades - Sinapeq. Foi uma sessão em que abordamos as regiões selecionadas para o referido projeto. Destacamos a densa presença das pequenas cidades na Região Intermediária de Maringá, suas dinâmicas regionais tanto de formação quanto das suas transformações posteriores, classificações que seus centros urbanos receberam em estudos de Bitoun e Miranda (2009), além do último estudo da Região de Influências das Cidades - Regic (IBGE, 2020).

A segunda publicação foi um artigo para um dossiê temático voltado ao tema das pequenas cidades na Revista Redes (Endlich et al., 2023b). Nele realizamos uma análise da Região Intermediária de Maringá, com o auxílio de alguns dados coletados e mapeados, sinalizando os principais desafios das pequenas cidades/localidades e reflexões acerca de possibilidades diversas, sobretudo quanto à inserção econômica e aspectos sociais e às questões territoriais urbanas.

Este texto registra o prosseguimento da pesquisa, assinala alguns dos últimos passos e avanços e, considerando a divulgação do Censo Demográfico de 2022, atualiza e contrapõem alguns dados e índices levantados, que são também, e sistematizados na forma de mapas.

## **2 REFLEXÕES SOBRE OS CAMINHOS DE ESTUDO E ANÁLISE PARA PESQUISAS EM REDE**

Nas duas últimas décadas houve um expressivo avanço em pesquisas voltadas as pequenas cidades. Como têm sido esses estudos? O que eles problematizam? Que tipos de análises são realizadas? Para responder a essas perguntas buscamos trazer considerações com base na experiência adquirida no âmbito da pesquisa desenvolvida pela Rede Mikripoli.

A referida pesquisa, por orientar análises de um território tão amplo, exigiu que fossem estabelecidos esclarecimentos, compreensões e processos coletivos. Neste texto, destacamos cinco aspectos.

O primeiro ponto a se destacar é que temos escolhido partir de um contexto escalar mais amplo, ou seja, a região, inclusive para não considerar como exclusivismos, tendências que se revelam com maior amplitude espacial. Logo, seria uma horizontalidade da análise ampliando a compreensão do fenômeno e as possibilidades de estudo.

O segundo ponto é que buscamos, com o objetivo de estudar as pequenas cidades a partir da sua relevância para o desenvolvimento regional, construir estudos comparativos, considerando diferentes regiões intermediárias. A referida relevância regional pode ser quanto às dinâmicas demográficas, econômicas, históricas, culturais e/ou ambientais. Para ilustrar essa questão, apresentaremos a sistematização dos procedimentos de pesquisa adotados no projeto: “Cidades pequenas, dinâmicas socioespaciais e desenvolvimento regional no Brasil”.

No terceiro, assinalamos que o desenvolvimento da pesquisa contemplou, inicialmente, um amplo levantamento de dados secundários, assentado em uma abordagem mais quantitativa, seguidos de uma sistematização com representações cartográficas, algumas inseridas no presente texto. A análise desses dados e o objetivo inicial da pesquisa levaram à escolha de algumas cidades para uma análise mais aprofundada em uma segunda etapa. Esses procedimentos têm sido adotados nas oito regiões abrangidas pelo projeto, distribuídas em diferentes áreas do Brasil.

Nesse sentido, o quarto ponto foi a definição de critérios que precisaram ser adotados, no âmbito do projeto nacional, para orientar as escolhas das cidades, que sinteticamente foram os seguintes:

a) Cidades que embora pequenas (demograficamente entre cinco e cinquenta mil habitantes) tenham destaque quanto à centralidade urbana na região;

b) Dados demográficos relevantes, não exatamente cidades com maior volume de população, mas dinâmicas que despertam a atenção, como taxa de crescimento da população total do município polarizado pelas respectivas cidades.

c) Relevância econômica que pode ser apreendida por PIB per capita; e/ou especialização produtiva; e/ou atividades turísticas; e/ou atividades recentes que trouxeram intensas transformações;

d) Relevância histórica/cultural ou entorno ambiental significativo: podem ser selecionadas cidades que talvez atualmente não tenham destaque, já foram significativas e podem ser consideradas como patrimônio histórico/cultural, ou, ainda, pequenas cidades/localidades que estejam inseridas em um entorno ambiental relevante quanto a sua preservação ou recursos ambientais diversos.

O quinto ponto, como consequência, foi a utilização de uma abordagem qualitativa para a realização de análises verticalizadas, como mencionamos anteriormente. Para a Região Intermediária de Maringá, considerando os critérios assinalados, foram selecionadas as seguintes cidades: Loanda, Iretama e Floresta. Elas têm perfis muito diferenciados e as duas primeiras mencionadas atendem pelo menos a dois dos critérios ou preocupações assinaladas. Apenas a última selecionada é que atende ao critério vinculado à dinâmica demográfica notável na última década, revelada pela divulgação dos resultados do Censo Demográfico de 2022.

Em síntese, contemplamos em nossas escolhas municípios cuja sede urbana, embora pequena, tem centralidade relevante e processo econômico de especialização produtiva (Loanda); município turístico com grande *resort*, localizado em um contexto regional de muito declínio demográfico e de indicadores sociais, de modo geral, negativos (Iretama); e, por fim, cidade com o mais alto crescimento demográfico na região, gerado sobretudo pela produção de moradias a partir de loteamentos diversos implementados pela proximidade relativa com Maringá, proporcionada pela duplicação de rodovia e buscada pela população tendo em vista os custos mais baixos (Floresta).

### **3 APREENDENDO A REALIDADE REGIONAL PELA SISTEMATIZAÇÃO DE ALGUNS DADOS**

Como assinalamos anteriormente, partimos de um recorte regional, a Região Intermediária de Maringá. As regiões intermediárias e regiões imediatas foram estabelecidas pelo IBGE (2017) por meio de critérios diversos, mas sobretudo considerando a centralidade urbana. Por isso, a nomenclatura das regiões está vinculada à cidade mais expressiva dos recortes definidos. Em alguns casos, duas cidades dividem esse papel no referido recorte regional. São aqueles que têm mais que um núcleo polarizador, por isso consideradas como regiões multipolarizadas. Isso acontece tanto para as regiões intermediárias quanto para as regiões imediatas. Na Região Intermediária de Maringá duas regiões imediatas são polarizadas por cidades com menos de cinquenta mil habitantes (Quadro 1), sendo uma delas multipolarizada

com duas pequenas cidades: Região Imediata de Colorado/Paranacity e Região Imediata de Loanda.

Ainda que adotemos a referida regionalização que teve como critério o peso das cidades com maior centralidade, a ênfase do trabalho é para as menores cidades da rede urbana, predominantes na região. Entretanto, essa mesma regionalização revela partes do território em que a centralidade urbana e a estruturação territorial consistem em cidades relativamente diminutas. Ou seja, a própria metodologia estabelecida precisou admitir exceções. Embora com densidade de pequenas cidades/localidades, na Região Intermediária de Maringá, as cidades que polarizam as Regiões Imediatas têm mais que cinquenta mil habitantes em cinco delas. Conforme mencionamos antes, apenas em dois casos isso não acontece: Região Imediata de Colorado/Paranacity e Região Imediata de Loanda.

Quadro 1 – Região Intermediária de Maringá – Regiões Imediatas, 2022.

<b>Região</b>	<b>Municípios (total)</b>	<b>Até 50 mil hab.</b>
RGI Maringá	23	21
RGI Campo Mourão	24	23
RGI Umuarama	22	21
RGI Paranavaí	17	16
RGI Cianorte	11	10
RGI Colorado-Paranacy	11	11
RGI Loanda	7	7
Total	115	109

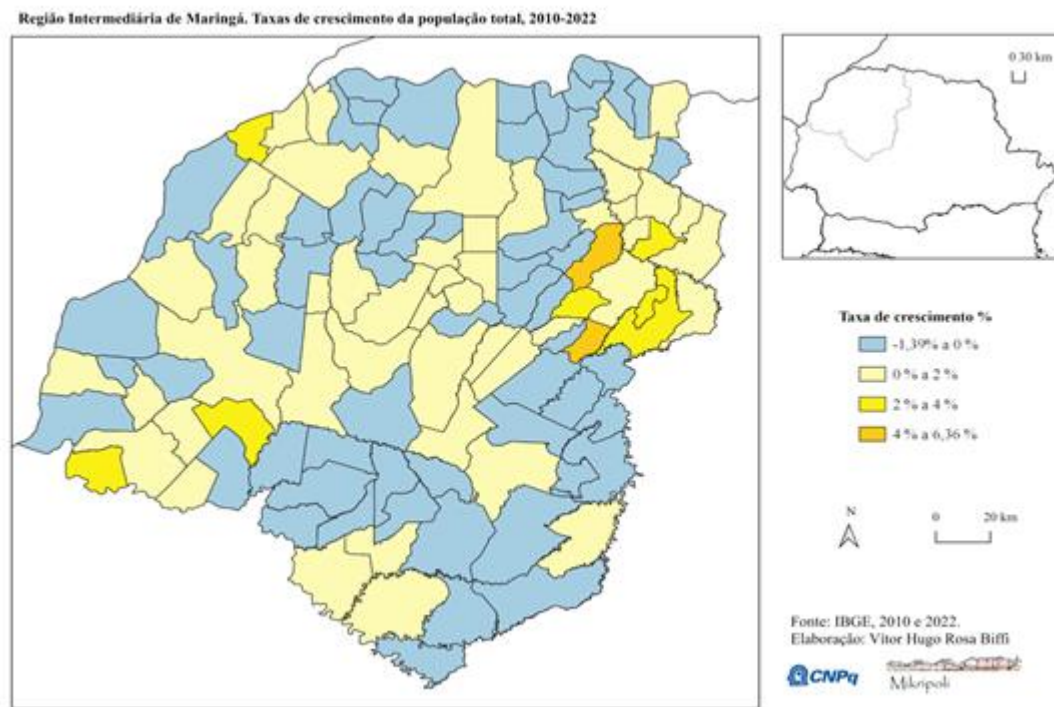
Fonte: IBGE (2022).

Além dos dados para cada região imediata, observamos que dos 115 municípios que fazem parte da Região Intermediária de Maringá, 109 têm menos que cinquenta mil habitantes. Podemos afirmar que a distribuição se manteve a mesma desde o censo demográfico anterior. Ou seja, por mais que tenham ocorrido crescimento em alguns municípios polarizados por pequenos núcleos urbanos, não houve alteração nesse atributo da região quanto ao predomínio das pequenas cidades/localidades na estruturação de sua rede urbana.

Selecionamos para a sequência do texto alguns questionamentos orientadores, cujas análises pautaram-se em mapas resultantes da sistematização de dados levantados para a pesquisa. Trata-se de material que será publicado de modo mais completo em um atlas que estamos preparando com os resultados das várias regiões abordadas no projeto, mas alguns auxiliarão na leitura regional.

Para o questionamento: “Qual foi o comportamento demográfico na região no novo período intercensitário, considerando principalmente os municípios polarizados pelas pequenas cidades?”, observamos que permanecem as duas tendências assinadas em períodos anteriores: enquanto alguns municípios têm crescimento demográfico, por vezes, com taxas bem superiores aos demais da região, outra significativa parte dos municípios apresenta declínio de população (Figura 1).

Figura 1 – Região Intermediária de Maringá. Taxas de crescimento de população total, 2010-2022.



Fonte: IBGE.

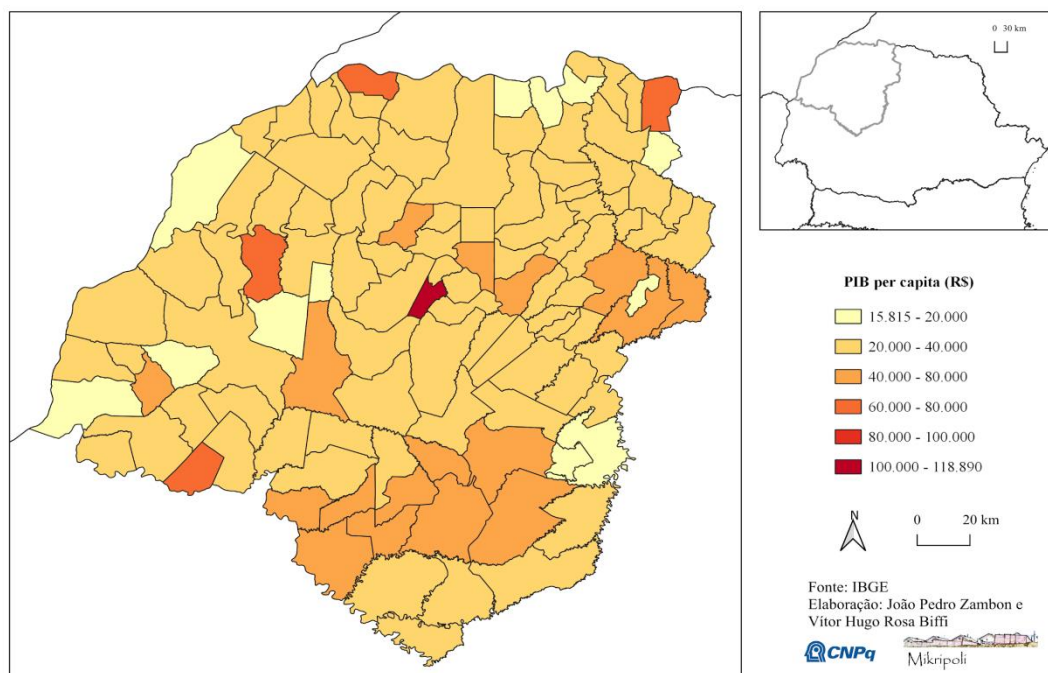
De 2010 a 2022, foram 56 municípios com perda populacional, dois a mais que no período anterior (2000 a 2010) enquanto se revela um intenso crescimento em alguns municípios. De 2000 a 2010, dos 115 municípios da região, foram 54 com declínio populacional, incluindo os demograficamente pequenos, localizados no entorno de Maringá. De 2010 a 2022 sobressaem-se os municípios de Floresta e Iguaraçu com crescimento superior a 4%.

Pergunta subsequente aos dados expostos: “A intensa perda de população que ocorre na região está relacionada a falta de desenvolvimento econômico?”, tendo essa indagação como foco, consideremos a sistematização dos dados de PIB *per capita* referente ao ano de 2019 (Figura 2)<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> Pelo fato de fazer parte de uma coletânea, nem todas as classes criadas na legenda da Figura 2 estão representadas no mapa porque adotamos procedimentos padronizados para que fossem estabelecidas.

Figura 2 – Região Intermediária de Maringá. PIB per capita, 2019.

Região Intermediária de Maringá. PIB per capita, 2019



Fonte: IBGE.

Os dados do PIB *per capita* na região oscilaram bastante, acompanhando as médias nacionais, que passou de R\$ 6.900,62 em 2000 para R\$ 19.938,60 em 2010 e alcançou em 2019 a cifra de R\$ 35.161,70. Na Região Intermediária de Maringá, em 32 municípios o PIB *per capita* de 2019 foi superior ao valor assinalado de média nacional.

No outro extremo, observamos o município de Nova Olímpia (R\$ 15.815,00) que corresponde ao menor PIB de 2019. Além de Nova Olímpia, doze municípios tinham até R\$ 20 mil reais de Produto Interno Bruto *per capita*: Altônia, Barbosa Ferraz, Corumbataí do Sul, Inajá, Maria Helena, Nossa Senhora das Graças, Paranapoema, Querência do Norte, Santo Antônio do Caiuá, Sarandi e Xambê.

São números que se distanciam muito dos dados relativos da última classe gerada para a mesma representação cartográfica (R\$ 118.890,00), valores do PIB médio *per capita* para o município de Indianópolis. Acima de R\$ 60 mil reais, dados que estão nas três últimas classes criadas, além de Indianópolis que tem os dados mais altos, estão os municípios de Brasilândia do Sul, Diamante do Norte, Douradina e Santo Inácio.

Todavia, a maior parte dos municípios da região registra Produto Interno Bruto *per capita* entre R\$ 20 mil e R\$ 40 mil. Os dados mostram um aumento significativo dos valores, expressando maior produção de riqueza pelos municípios da região, de modo geral, ressalvadas as oscilações e desigualdades.

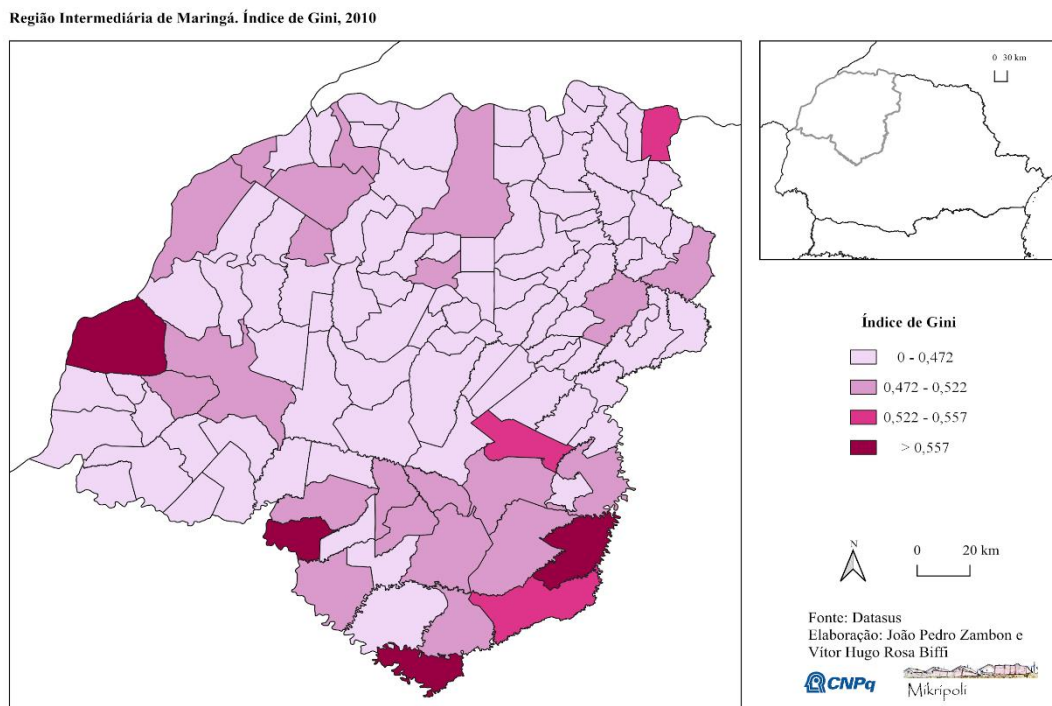
Retomando a indagação quanto se o declínio demográfico estaria relacionado a dificuldades econômicas, além dos mencionados aumentos no PIB, observamos que diversos municípios com perda de população estão entre os que apresentam valores expressivos do PIB, sobretudo os que estão ao sul da região, na Região Imediata de Campo Mourão, mas também o caso de Diamante do Norte e alguns dos seus vizinhos.



Portanto, podemos considerar que, mais do que ausência de atividade econômica expressiva, faltam atividades socialmente inclusivas, geradoras de externalidades positivas na perspectiva social. Em algumas áreas o desenvolvimento econômico representou concentração fundiária e não tem gerado empregos qualitativamente suficientes. Reiteramos que ler um mapa no qual há um predomínio de declínio demográfico significa constatar a dificuldade ou impossibilidade de permanecer em determinados espaços por mais que nele estejam laços afetivos, pois a reprodução humana e social da vida foi inviabilizada. Essa é uma face muito expressiva da realidade regional.

A Figura 3 e a Figura 4 contribuem para mostrar as dificuldades sociais na região. O Índice de Gini de 2010 indica que, de modo geral, existem áreas com relevante crescimento de PIB *per capita*, e que são, também, as que demonstram maior desigualdade, novamente sobressaindo-se a parte sul da região, embora municípios em outros pontos dela tenham tendência similar.

Figura 3 – Região Intermediária de Maringá. Índice de Gini, 2010.



Fonte: Datasus.

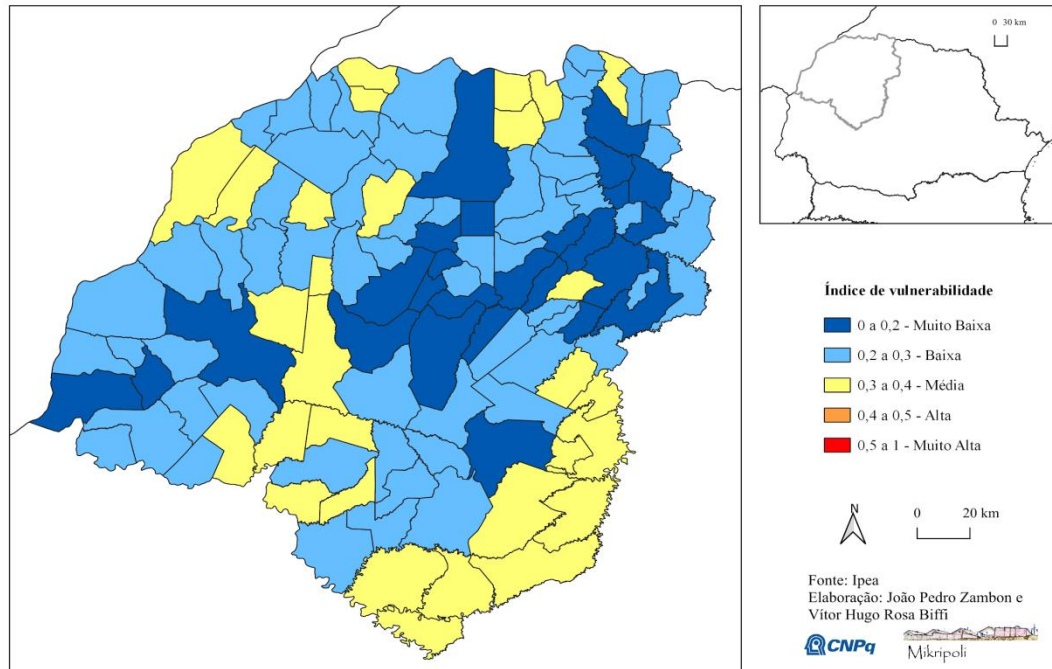
Portanto, nesta leitura constatamos declínio demográfico, apesar de intensa geração de riquezas, notável concentração de renda e completamos a leitura com o auxílio do Índice de Vulnerabilidade Social (Figura 4)<sup>5</sup>. As contradições sociais podem ser apreendidas por meio desses dados secundários, ainda que conhecer de modo mais profundo as dinâmicas de cada município e região imediata demanda análises mais detalhadas.

<sup>5</sup> No caso do Índice de Vulnerabilidade Social adotamos as classes pré-definidas pelos propositores do índice em questão. Embora na Região Intermediária de Maringá não existam todas as classes, decidimos representá-las por completo na legenda para melhor compreensão do contexto como um todo.



Figura 4 – Região Intermediária de Maringá. Índice de Vulnerabilidade Social, 2010.

Região Intermediária de Maringá. Índice de vulnerabilidade, 2010



Fonte: Ipea.

Os municípios com baixa vulnerabilidade, de modo geral, formam um *continuum* no entorno de Maringá, estendendo-se a norte no sentido Colorado e no sentido Paranaíba, a sul até a região de Cianorte. Desperta a atenção o município de Paiçandu, que localizado nesse contexto geográfico mantém índice de média vulnerabilidade social. Esse indicador permite perceber que não se trata de uma região com valores considerados os mais graves de vulnerabilidade social, mas com notável desigualdade entre seus municípios. Novamente, observa-se que um conjunto de municípios no sul da região expressam dados preocupantes, juntamente com municípios esparsos e manchas contínuas com dois ou três municípios em situação semelhante.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossas preocupações neste trabalho estiveram voltadas a delinear considerações a respeito das abordagens que construímos, durante o processo de analisar a Região Intermediária de Maringá, enfatizando a perspectiva de olhar para a presença de pequenas cidades, buscando compreender suas dinâmicas e papéis. Nesse processo, destacamos cinco diferentes caminhos que tomamos no âmbito do projeto nacional da Rede Mikripoli, durante o percurso que traçamos até aqui e que estiveram assentados tanto em abordagens quantitativas, quanto qualitativas.

Os cinco destaques que fizemos se referem a etapas do processo, que precisaram ser construídas conjuntamente entre os membros da Rede Mikripoli, para que as regiões a serem estudadas e, por consequência, nossos objetos de estudos, as pequenas cidades, pudessem ser analisadas da maneira mais equânime possível, respeitando as singularidades do território brasileiro.

O primeiro ponto é a escala que se concentrou na região, o segundo foram os estudos comparativos, o terceiro foi o levantamento dos dados secundários, dado a sua relevância, o quarto ponto foi a construção de critérios de seleção das pequenas cidades para etapa posterior de levantamos em campo e o quinto foi a utilização de uma abordagem qualitativa, com coleta de dados em campo e análise dos resultados, este último, ainda em construção.

Durante o percorrer desse caminho, pudemos, até o momento, promover algumas reflexões concernentes ao nosso trabalho na Região Intermediária de Maringá. Dentre elas, destacamos que a leitura regional com ênfase nos municípios cujas sedes urbanas são pequenas cidades/localidades revela mais do que intensa diversidade entre eles, são notáveis as desigualdades socioespaciais presentes nestas áreas.

Por esse motivo, é fundamental compreender significativa parte do território brasileiro, baseado em municípios que têm como sede pequenas cidades e, traçar políticas públicas considerando as diferentes dinâmicas nele existentes. Não é suficiente agir sobre questões metropolitanas se os processos existentes em áreas mikropolitanas, extensas áreas das diferentes regiões brasileiras polarizadas por pequenas cidades/localidades, não forem consideradas.

É preciso que estes espaços estejam nas pautas de pesquisas e agendas políticas. Que as perspectivas de análises e seus resultados sejam debatidos para que se possa avançar sempre, sobretudo quanto a condição humana e social de vida das sociedades que vivem nos espaços trabalhados.

## REFERÊNCIAS

Bitoun, J., & Miranda, L. (Orgs.). (2009). *Tipologia das cidades brasileiras* Letra Capital; Observatório das Metrôpoles.

Endlich, A. M., Alves, L. M., & Teixeira, J. C. (2023a). Região Intermediária de Maringá: Formação socioespacial e suas pequenas cidades/localidades. In Silva, P. F. J. D. Calixto, M. J. M. S., Bernardelli, M. L. F. da H., & Silveira, G. S. da. (2023). *Cidades Pequenas No Contexto Brasileiro: Perspectivas De Estudo*. Totalbooks.

Endlich, A. M., Alves, L. M., & Teixeira, J. C. (2023b). Desafios atuais para as pequenas cidades/localidades da Região Intermediária de Maringá-Paraná. *Redes*, 28(1), 1-23.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2020). *Regiões de influência das cidades - 2018* (Coordenação de Geografia).

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao CNPq o apoio financeiro via projeto de pesquisa: “Cidades pequenas, dinâmicas socioespaciais e desenvolvimento regional no Brasil”.